



## 27 de janeiro à luz de Primo Levi

**Por Michel Ehrlich \***

O dia 27 de janeiro foi instituído, em 2005, pela Assembleia Geral das Nações Unidas como o Dia Internacional da Lembrança do Holocausto. A data relembra a liberação pelas tropas soviéticas, 60 anos antes, do complexo de concentração e extermínio de Auschwitz-Birkenau, o maior construído pelo regime nazista. Só neste local, mais de um milhão de pessoas tiveram suas vidas ceifadas.

Antes disso, diversos países já haviam estabelecido datas oficiais para recordar o Holocausto. Na Alemanha, o dia 27 de janeiro era comemorado desde 1996. Porém, outros países utilizam datas diversas (ainda hoje), – como 5 de maio na Áustria (em referência a liberação do campo de Mauthausen) ou, mais conhecido, o Yom Hazikaron laShoá ve laGvurá (dia de lembrança da Shoá [Holocausto]) e do heroísmo, celebrado em Israel por lei desde 1959 – e nas comunidades judaicas espalhadas pelo mundo. O dia 27 de Nissan do calendário judaico (entre abril e maio do calendário gregoriano) remete ao levante do gueto de Varsóvia, ocorrido em abril de 1943.

A seleção das datas, evidentemente, não é aleatória. A referência ao levante do gueto de Varsóvia, por exemplo, visa enaltecer o heroísmo dos combatentes judeus, ao passo que no 27 de janeiro, o protagonismo recai sobre os exércitos aliados.

---



A escolha do dia 27 de janeiro não diz respeito, entretanto, somente à liberação, mas sobre o símbolo máximo do que foi a máquina de extermínio nazista: Auschwitz. De fato, em 1945, havia poucos sobreviventes no complexo. Diante do avanço do exército vermelho, os nazistas haviam evacuado o campo e deportado as vítimas para outros locais a oeste - muitos participariam das famigeradas Marchas da Morte. Foram deixados para serem de fato liberados alguns poucos prisioneiros que estavam na enfermaria.

Nesse pequeno grupo, se encontrava, todavia, talvez o mais famoso sobrevivente do Holocausto: Primo Levi, que no ano passado teria completado 100 anos de vida. O relato de Levi nos conta muito sobre Auschwitz - porém, muito mais do que isso, nos narra estes acontecimentos em uma perspectiva que, em muitos sentidos, inspira a forma como o Museu do Holocausto de Curitiba enxerga e educa sobre a Shoá. A partir da sua obra, e de tantos outros, podemos refletir a respeito da transmissão de Auschwitz e do Holocausto em geral.

Em "A Trégua", ele descreveu o ambíguo momento da liberação como "grave e acachapante, e inundou, a um só tempo, as nossas almas de felicidade e doloroso sentimento de pudor". Este trecho, em função da óbvia ambivalência, nos é utilizado, atualmente, para fazer referência ao momento como liberação e não libertação.

Primo Levi nos lembra que o Holocausto tem nome, sobrenome, rostos e individualidades, histórias. Não só os dele, mas dos diversos companheiros cuja diversidade ele resgata da pretensa homogeneidade do campo em "É isto um homem?". Em Auschwitz, os prisioneiros tinham seus braços tatuados com números de identificação, mas isso não os transformou em números.

---



O autor também nos recorda que havia vida e resistência mesmo nas circunstâncias extremas de Auschwitz. Das estratégias para obter trabalhos menos desgastantes ao contrabando de mercadorias, são diversos os exemplos que demonstram que, mesmo em Auschwitz, o monumento à desumanização erguido pelos nazistas, suas vítimas não se renderam. Elas procuraram das mais diversas formas resistir, o que em muitos casos podia se expressar por simplesmente manter-se vivo por mais um dia. A ampliação do conceito de resistência durante a Shoá também se dá, em parte, em função do relato de Primo Levi.

Auschwitz, no entanto, não pode ser analisado distante de seu processo histórico. A indústria de extermínio construída pelos nazistas na Polônia ocupada somente foi possível porque suas vítimas, notadamente judeus, foram anteriormente isoladas, antes disso excluídas após serem hostilizadas e discriminadas, o que por sua vez se iniciou com pequenas agressões físicas ou verbais. Relembrar Auschwitz de 1945 não pode nos fazer esquecer da Berlim de 1933, quando não se falava de genocídio, mas seus alicerces eram moldados ao permitir a chegada ao poder, com expressivo apoio popular, do partido nazista na Alemanha.

Ao relatar sua passagem por Auschwitz, Primo Levi também demonstrou a singularidade e ineditismo do genocídio perpetrado pelo regime nazista, na sua combinação de ódio, burocracia, racionalidade e tecnologia. Mas também não ignorou o quanto o Holocausto foi uma combinação singular de elementos “normais”. Esta perspectiva é, precisamente, o que nos permite trazer suas reflexões para o presente e afirmar que há lições universais da Shoá, muito além do período histórico ou de seus protagonistas específicos. Levi fez este alerta no

---



---

prefácio de "É isto um homem?": "Este é o produto de uma concepção de mundo levada às suas últimas consequências com uma lógica rigorosa. Enquanto a concepção subsistir, suas consequências nos ameaçam. A história dos campos de extermínio deveria ser compreendida por todos como sinistro sinal de perigo".

75 após a liberação de Auschwitz, é preciso, mais do que nunca, lembrar e não esquecer. Mas é necessário questionar-se: lembrar do quê e como? Não basta que saibamos os detalhes factuais dos acontecimentos. Precisamos conhecer as pessoas que deles participaram, como resistiram, mas também quem eram, suas histórias, desejos, sonhos e realizações. É preciso lembrar de Auschwitz em toda sua excepcionalidade, mas sem esquecer que o que o torna tão relevante é precisamente a capacidade que, infelizmente, temos de alargar o que consideramos banal e aceitável até incluir o mais horrendo e excepcional. Cada vez que um pequeno preconceito era tolerado e um mínimo direito impedido de ser exercido, um tijolo a mais era somado a Auschwitz. Por isso, a importância de um dia internacional de lembrança do Holocausto, já que tratamos de uma memória que não diz respeito somente a judeus, a povos ciganos, a homossexuais, ou então aos alemães e aos italianos, mas às nossas sociedades como um todo.

30 anos após o Holocausto, Primo Levi, que continuava a relatar suas experiências, escreveu no jornal italiano La Stampa um chamado que, infelizmente, permanece atual: "No entanto, a atmosfera da república de Weimar não era muito diferente da nossa; não haviam se passado nem doze anos desde os primeiros campos de concentração rudimentares das SA até a ruína da Alemanha, o esfacelamento da Europa e os 60 milhões de mortos da Segunda Guerra Mundial. O fascismo é um câncer que prolifera rapidamente, e seu retorno nos ameaça. É pedir demais que nos oponhamos a ele desde o início?".

---



**\* Coordenador do departamento de História do Museu do Holocausto de Curitiba.**

---